

A monitoria na formação do comunicador social*

LUCIANA SARAIVA DE OLIVEIRA
(Universidade Federal do Maranhão)

Resumo

A monitoria deve permitir a construção do conhecimento em condição de complementaridade entre professor, aluno, problemas sociais e conhecimento já construído. Porém, é necessário observar as relações da monitoria com a instituição, o currículo, a interação professor-aluno e o prazer de ensinar e de aprender, a fim de que se possam visualizar as contribuições que a monitoria visa oferecer à formação do comunicador social.

Palavras-chave: Monitoria, ensino-aprendizagem, graduação de comunicação

Resumen

La monitoria es una forma de enseñar y aprender, permitiendo la construcción del conocimiento en condición complementaria entre profesor, alumno, problemas sociales y el conocimiento ya construído. Sin embargo, es necesario observar las relaciones de la monitoria con la institución, el curriculum, la interacción profesor-alumno y el placer de enseñar y de aprender.

Palavras clave: Monitoria, enseñanza-apredizaje, licenciatura

Abstract

Monitoring is seen as a form to teach and to learn, in which we valorize the lived experience in the process of teacher-student interaction, in a group work. It allows a knowledge construction in a complementary condition among teacher, student, social issues and already known knowledge.

Keywords: monitoring, teach-learn process, Bachelor's Degree Programs

* Artigo extraído da Dissertação de Mestrado *Monitoria na graduação de comunicação: uma análise para a formação do comunicador social*, defendida pela autora em 1995 junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, SP.

Introdução

Monitoria é assunto pouco explorado nas pesquisas sobre o ensino de terceiro grau, principalmente no que se refere aos Cursos de Comunicação Social. Entretanto, não cabe aqui dizer os motivos desse pequeno interesse; mas sim refletir sobre as atividades de monitoria e sua participação no processo ensino-aprendizagem nos Cursos de Comunicação, observando quais as adições que ela tem feito na formação do profissional, nessa área.

Para se chegar à compreensão da monitoria no processo de formação do comunicador social, adotou-se como referência as pesquisas já realizadas no ensino superior sobre monitoria (MASETTO, 1975; ABREU e MASETTO, 1990), os estudos que reconhecem o potencial de aproveitar o talento dos alunos através da monitoria (FORGATY e WANG, 1992; HEWARD et alii, 1982; FRESKO e EISENBERG, 1985; O'DONNELL et alii, 1986), a primeira proposta metodológica de monitoria dos educadores ingleses Joseph Lancaster e Andrew Bell (BELL et alii, 1961), e os depoimentos de professores e alunos de comunicação sobre suas experiências com monitoria na graduação dos cursos. Decidiu-se trabalhar com três experiências de monitoria do ensino de Comunicação: duas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e outra no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (CCSo/UFMA).

Além das informações acima citadas, foi importante lembrar as questões que já foram levantadas sobre a formação do comunicador: Que tipo de profissional da comunicação se deve formar? Para que os formar? A que interesse social eles servirão? Com que intensidade o mercado de trabalho pressiona essa formação? Como se pode formar um comunicador visando a melhoria qualitativa da sociedade, mediante ao atual contexto? Que tipo de comunicador o curso universitário deve preparar? O profissional especializado? O cientista? O docente? O pesquisador?

A formação do comunicador social

A formação do comunicador social no Brasil, no início, caracterizou-se pelo aperfeiçoamento técnico exigido pelas demandas do sistema produtivo e pelo mercado de trabalho; e depois, pela ideologia marcante, herança do desenvolvimento político e dos movimentos sociais.

Segundo MELO (1991), matrizes forâneas marcaram três períodos nítidos da história do ensino de Comunicação e orientaram a formação do comunicador. Na América Latina, conseqüentemente no Brasil, a formação universitária no campo da Comunicação está constituída por elementos superpostos, mas simultaneamente vigentes de três modelos funcionais de carreira. Esses modelos remetem o ensino de comunicação a três diferentes projetos: 1º) a formação do jornalista - priorizando a habilitação técnico-profissional e o relativo ajuste às demandas do mercado de trabalho;

2º) a formação do comunicador intelectual - solidez intelectual proporcionada pelas humanidades, ante a qual a habilitação técnica estaria subordinada; 3º) a formação do comunicólogo - ensino sobrecarregado de teoria crítica levando o estudante a optar por uma formação teoricista ou praticista.

Pesquisadores e estudiosos do campo da Comunicação questionam que tipo de comunicador se quer formar, por que e como formá-lo. Muitos ensaios têm sido escritos, com o apoio da Federação Latino-americana de Associações de Faculdades de Comunicação Social (FELAFACS). Pesquisadores como Martín-Barbero, Fuentes Navarro, Guillermo Orozco, Daniel Prieto, Francisco Gutiérrez, Mário Kaplún, e no Brasil, José Marques de Melo, entre tantos outros, vêm se preocupando com a formação do comunicador que seja capaz de entender, cada vez mais, o que Orozco chama de *ecologia da comunicação*.^{*} Os ensaios escritos por eles têm questionado o currículo vigente, a capacitação dos estudantes e dos docentes, o exercício profissional comprometido com a sociedade, a comunicação educacional a partir da necessidade de educação para os meios, uma didática da Comunicação, o próprio objeto de pesquisa da Comunicação; o desafio epistemológico das pesquisas realizadas, a relação ensino-aprendizagem/ instituição de ensino superior/sociedade e outros pontos específicos que, hoje, desafiam o ensino de Comunicação.

Os Cursos de Comunicação continuam com a idéia fixa por formar. Mas o que significa formar? Dar forma? Moldar alguém? Constituir uma mentalidade? Um caráter? Como se forma um profissional quando se desconhecem os aspectos peculiares desse ato?

A formação envolve aspectos didático-pedagógicos e se insere no processo ensino-aprendizagem. Entende-se, aqui, formar como o processo que leva o aluno a achar seu próprio caminho, a transformar-se, a evoluir, a refletir, a mover-se, a relacionar-se. O professor se coloca como alguém que também se forma, se movimenta, se transforma; evolui, se relaciona com trocas enriquecedoras e significativas (cf. SILVA, 1994).

Um dos grandes problemas encontrados no ensino de Comunicação é o descompromisso com os aspectos didáticos construtivos, formativos, que envolvem as práticas pedagógicas. A docência não tem se preocupado com a produção de conhecimento próprio, muito menos tem sido acompanhada de competências práticas e pedagógicas (desafio construtivo e participativo). Falar sobre a formação do comunicador social é se defrontar com a ausência de competência (prática, discursiva e pedagógica) do docente, com a fraca capacitação dos estudantes, com a indefinição

* Ecologia da comunicação, para Orozco, é a variedade crescente de processos, instrumentos e mediações da comunicação. Atualmente a comunicação se descentraliza devido à diferença intrínseca dos meios, ampliação do potencial técnico dos diferentes instrumentos envolvidos na circulação da informação e ativação de diferentes mediações no processo de se comunicar - essas mediações são reais, porém inatingíveis. Ver OROZCO G., Guillermo. "Comunicadores hacia el año 2000: desafios pedagógicos de su formación". In: *Dia.logos*, Lima, nº 39, jun. 1994, pp.78-79.

sobre objeto de estudo da Comunicação e com a precária relação entre a escola de Comunicação e o contexto social. Há uma tendência em confundir didática e pedagogia com transmissão de informações (mero insumo, instrução) quando se substitui professores, mestres e doutores por profissionais da área. O tripé acadêmico ensino, pesquisa e extensão está separado por uma série de equívocos. O ensino está fragmentado. No espaço da Comunicação, por exemplo, o serviço à comunidade converte-se num problema constante e o contexto social permanece como assunto exterior e dispensável para os objetivos da formação. Os problemas do ensino da Comunicação têm os mais variados fatores: desde a crise do ensino superior como um todo, passando pela organização curricular complexa e que estabelece redes de disciplinas e seqüências pedagógicas caracterizadas pela arbitrariedade (baseia-se em didáticas reprodutivistas e objetivam habilidades treinadas), até chegar nos sujeitos do processo ensino-aprendizagem. Neste momento de crise, são os sujeitos envolvidos no processo (professor e aluno) que podem dar indicações para onde ir. É preciso ter claro que o professor é fundamental para o ensino, para a formação do comunicador. Ele é responsável pelas mudanças nos planejamentos curriculares; suas práticas atravessam a formação do comunicador e estas devem ser coerentes com o próprio discurso da Comunicação. O processo ensino-aprendizagem é uma ação pedagógica e, ao mesmo tempo, um processo comunicacional. É preciso, também, pensar no papel que o aluno de Comunicação tem sobre sua própria formação.

Considerando-se os sujeitos do ensino de Comunicação, a relação entre eles, o contexto institucional onde estão inseridos e a finalidade das atividades pedagógicas que os envolvem, pode-se ter alguns parâmetros para buscar contribuições para a qualidade da formação profissional. Entretanto, faz-se necessário identificar e tentar sanar, no ensino de Comunicação, alguns problemas constantes localizados especialmente nas relações educacionais que permeiam qualquer atividade pedagógica.

CORTÉS (1993) observou alguns problemas ao refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem. Cita a andragogia (ensino centrado no sujeito adulto, onde o docente supõe que seus alunos já devem pensar como adultos), a avaliação espelho (onde o professor acha que o aluno só precisa assimilar aquilo que é fornecido por ele para devolvê-lo como *feedback*), violência psíquica (quando o poder dizer e o poder pensar são monopólio do docente), ensino livresco (centra o processo ensino-aprendizagem não no docente nem no aluno, mas no texto, na leitura de autores clássicos ou importantes de alguma área) e o populismo acadêmico (onde o professor tenta resolver seus problemas através do recurso da participação, onde a democracia limita-se à obtenção de consenso verbal em torno da interpretação das idéias de um texto).

Esses problemas comprometem as atividades pedagógicas que qualquer docente pretenda desenvolver com seus alunos. No ensino da Comunicação, a atividade de monitoria fica realmente comprometida, tornando-se até estéril.

Quando a monitoria consegue se desenvolver adequadamente no espaço acadêmico, esta possibilita a neutralização dos três primeiros problemas citados acima, pela participação efetiva do aluno que faz a mediação das relações. Contudo, o ensino livresco ainda está presente na prática monitorial, principalmente se ela for desenvolvida à luz de uma didática voltada para a instrução. O ensino livresco é um fenômeno generalizado nas faculdades de Comunicação. Ele dificulta a Instituição na contratação de professores qualificados, mantém com facilidade o academicismo canalizado por formas como o verbalismo, o tecnicismo e o teoricismo. Dependendo da maneira de trabalhar a monitoria, pode-se até sustentar por muito tempo esse tipo de ensino.

A monitoria, até mesmo pela sua própria história no Brasil e nos cursos de Comunicação foi meio de promoção do populismo acadêmico por dois fatores: 1) a área de Comunicação engloba alunos que se dizem críticos e que são muito competitivos entre si; 2) o aluno de Comunicação é um aluno das ciências humanas, área em que ele já tem um vasto conhecimento como leigo. Por parte desses alunos há arrogância e a falta de humildade para lidar com a construção do conhecimento, acreditando que o senso comum, base de suas críticas, colocam-nos na posição final de sua própria formação. O conhecimento superficial desse aluno irá dificultar-lhe o progresso intelectual e sua verdadeira formação profissional.

O outro fator é a falta de competência pedagógica do docente para lidar com a atividade de monitoria. Quando muito a utilizam para solucionar seus problemas em sala-de-aula e disfarçar suas precariedades. O professor que não assume sua responsabilidade na sala-de-aula, nem tem conhecimentos didático-pedagógicos suficientes para desenvolver a atividade de monitoria somado à pretensão ingênua do aluno "sabe-tudo" são fontes de alimentação para o populismo acadêmico. O resultado é o desaparecimento gradual da noção de didática que evapora "na ilusão democrática que dá a palavra ao aluno, mas não se respalda com a produção de conhecimento deles", como lembra CORTÉS (1993). A monitoria que se desvia de sua verdadeira função (e isso sempre foi comum no ensino de Comunicação) tira tanto do aluno como do professor a oportunidade de construir seu próprio conhecimento e de relacioná-lo com o contexto social e com conhecimentos que o antecedem. Isto significa negar a qualidade de vida, inerente ao homem.

Monitoria e ensino superior

Levar o aluno a encontrar seu próprio caminho sem negligenciar os aspectos didáticos de sua formação deveria ser preocupação contínua dos Cursos de Comunicação. A monitoria é um dos caminhos que tanto docentes como discentes ainda podem utilizar para se movimentar, se transformar e se relacionar com trocas enriquecedoras e significativas na graduação.

Essa oportunidade de movimento e transformação no processo ensino-aprendizagem como hoje pode ser vista, surgiu no final dos anos 60, no ensino superior por uma reforma educacional exigida a partir de mudanças sócio-político-econômicas no país. Nesse período, se dá uma confusa "mudança" de paradigmas educacionais, onde não são nítidos os limites de qualquer tendência pedagógica.

A monitoria passa a existir no ensino superior através da Lei Nº5.540/68, numa tentativa de garantir à Educação Superior brasileira a presença do enfoque sistêmico. Hoje, percebe-se ainda que o planejamento da monitoria, representado por planos, programas e projetos, se assemelha a um *receituário técnico*. Em sua maioria traduz-se por descrições e orientações tecnicamente bem elaboradas, mas sem informações básicas sobre o contexto em que se insere.

Em termos institucionais, há uma diferenciação na maneira de conceber monitoria entre o ensino superior de caráter privado e o de caráter público. Essa diferenciação se dá pela prioridade de interesses das instituições, por isto é fácil encontrar variações entre normas, programas de bolsas, seleção e avaliação da monitoria. O resultado dessa diferenciação é uma freqüência muito maior de monitores nos cursos de Instituições de Ensino Superior Federal, pois quatro pontos parecem favorecê-las: 1) a demanda - o número de estudantes que ingressam nas federais e estaduais é bem maior do que nas particulares; 2) o financiamento - a educação é investimento em capacidade docente para o governo e a monitoria ainda prioriza este aspecto; 3) o modelo gerencial - a monitoria se apresenta em forma de norma e seu programa de bolsas faz parte do orçamento global dessas instituições; e 4) o sistema de tutela - que cobra o devido aproveitamento das bolsas destinadas à monitoria orçadas no planejamento das instituições públicas.

O significado da monitoria na graduação de comunicação

A inserção oficial da monitoria no ensino superior, coincide com a chamada "década da comunicação", época em que muitos cursos de Comunicação surgiram nas mais diferentes regiões do país. Nesse momento, as discussões nacionais e internacionais direcionavam-se para o uso dos satélites e o rápido progresso tecnológico se espalhava em toda América Latina. Isto levou a área de Comunicação a se defrontar com dois fatores distintos: 1º) o vínculo pedagogicamente frágil entre Comunicação e Educação, porém fortalecendo-se em termos políticos e econômicos; e 2º) um mercado de trabalho mais exigente em relação à capacitação e à produção de conhecimento.

A monitoria passa a fazer parte do processo de formação do quadro docente da área de Comunicação e, ao mesmo tempo, instrumento pedagógico na formação dos primeiros bancos de dados e do processo de pesquisa/produção em algumas escolas, como é o caso da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Segundo depoimentos colhidos a partir deste estudo, hoje, a monitoria na graduação de comunicação significa uma experiência didático-pedagógica positiva, pois alunos e professor ainda conseguem uma interação, no trabalho desenvolvido em sala-de-aula, transcendendo limites de espaço físico, limites pedagógicos e limites de relacionamento interpessoal, buscando a melhor maneira de contribuir para a formação do comunicador social diante dos desafios profissionais contemporâneos.

O professor Plínio Martins Filho, da cadeira de Editoração da ECA/USP e responsável pela monitoria na editora-laboratório COM-ARTE, nos diz:

“Se eu estou na COM-ARTE para ajudar enquanto docente, para tentar formar as pessoas e se a monitoria é uma forma de fazer isto, então eu tenho que acreditar que o aluno tem a capacidade de participar dela. O professor não pode pensar o contrário, ou então ele tem que desistir de ser docente” (apud OLIVEIRA, 1995:65-70).

Esses depoimentos, apesar de também indicarem que a monitoria precisa ser repensada para o ensino de comunicação presente e futuro, apontam que:

a) monitoria é investimento em pré-formação docente, como lembra o professor Wilson da Costa Bueno, que foi monitor da cadeira de Jornalismo Comparado, em 1971, na ECA/SP:

“A vantagem de ser monitor é que você participa de alguns projetos que não estão abertos para todos. Por exemplo: algumas pesquisas, a organização de material, o contato com altas bibliografias, os contatos com pessoas que o aluno comum não tem e o contato com documentos”.

“O que é mais real, e que fica da minha experiência, é a imagem do aluno como pessoa que contribui com a atividade docente, com a didática e que, de alguma forma, passa a ter elementos para que possa postular, no futuro, a docência. Pelo menos, para nós da USP, foi quase uma porta de entrada. Quase todos os monitores se transformaram em professores. Era a forma de a Faculdade descobrir quais as pessoas interessadas em se dedicar à docência” (OLIVEIRA, 1995:61-65).

b) monitoria é possibilidade de profissionalização rápida. A esse respeito, o professor Plínio Martins diz:

"Monitoria é um auxílio para o aluno-monitor poder se desenvolver, praticar o mais rápido possível, ter mais segurança para atuar como profissional".

"No nosso caso, Caren (*monitora da COM-ARTE*) é responsável por uma produção desde o início até o final. Ela trabalha junto aos alunos distribuindo, acompanhando e cobrando o andamento das atividades, seja a elaboração de um gráfico, seja do fotolito; atividades que eu não tenho tempo de fazer e pela qual ela fica responsável" (OLIVEIRA, 1995:66).

c) monitoria contribui para o ingresso no mercado de trabalho, seja em empresas de comunicação, seja em Instituições de Ensino. No caso de empresas, vejamos o que diz a monitora da COM-ARTE, Caren Midori Inoue:

"Eu consegui estágio na Companhia das Letras porque apresentei um trabalho de monitoria e me apresentei como monitora de editoração. Serviu não só como currículo, mas como experiência. A Companhia das Letras sabe que se houver, por exemplo, marcação na folhas que vão ser revisadas, que eu saberei o que fazer. Hoje, o que eu faço na Companhia das Letras é o mesmo que faço na COM-ARTE. Só que na Companhia das Letras não sou eu quem faz tudo, pois as atividades são terceirizadas" (OLIVEIRA, 1995:67).

d) monitoria possibilita melhor interação professor-alunos. Sobre esse aspecto, a professora Adeilce Gomes de Azevedo da cadeira de Métodos e Técnicas da Pesquisa em Comunicação, da UFMA, relata sua experiência:

"... pelas características da minha disciplina, onde os alunos tinham que apresentar um projeto, e como o meu monitor era da área de Jornalismo e eu da área de Relações Públicas, trocávamos muitas idéias, principalmente quando o projeto era em Jornalismo. Essa troca era muito enriquecedora".

"O monitor, que é atuante, participa de cada etapa do projeto de pesquisa, fazendo leituras, observações etc. Eu dava as provas para que o meu monitor desse sua opinião, onde ele passou a desenvolver a capacidade de avaliação. Procurava desenvolver nele essa capacidade que o docente deve ter. Ele não se responsabilizava pela avaliação, mas eu ouvia sua avaliação a respeito dos trabalhos e das provas assim mesmo" (OLIVEIRA, 1995:71-76).

O que se pode entender, a partir dessa realidade apresentada, é que a monitoria ainda é um caminho que apóia a formação mais qualificada do comunicador. Contudo, precisa desenvolver, no próprio meio acadêmico de comunicação (universo docente-discente), sentido próprio e relações com o curso, com o currículo, com a interação professor-alunos e com o prazer de ensinar e de aprender.

Conclusão

Mais do que observar as adições que a monitoria fez ao processo de formação dos comunicadores sociais nos últimos tempos, este estudo tornou-se um questionamento sobre projeto pedagógico, ética e competência humana para os próximos anos de ensino da Comunicação Social nas Universidades brasileiras.

As atividades didático-pedagógicas, nesse sentido, estarão sob o *signo da globalização, o signo da eficiência, o signo do risco, o signo do pragmatismo responsável*, entre tantos outros. Estes signos impõem à educação a busca de novos caminhos para melhorar a qualidade dos profissionais que se formam. A monitoria continua sendo mais um caminho para formação melhor qualificada, e para isto, precisa ser repensada, também, como elemento mediador desse processo de formação. Fala-se aqui da mediação do ensino-aprendizagem; do individual para o grupal. Esta mediação torna-se cada vez mais necessária na sala-de-aula, onde alunos e professores estão em contato com uma complexa rede de informações instantaneamente “despejada” no seu cotidiano e com a qual precisam saber lidar.

Lembrando as mazelas que existem no processo de formação do comunicador social, a própria fragmentação do ensino, resta-nos resgatar as experiências positivas de monitoria como possibilidades presentes e futuras de melhoria. Para que esse resgate aconteça, quatro elementos tornam-se fundamentais para a monitoria, por precisarem estar em interação constante:

- a) a instituição - escola, faculdade ou curso de comunicação - que deverá lhe fornecer condições quantitativas e qualitativas no sentido de desenvolvê-la e possibilitar uma avaliação séria e, conseqüentemente, sua autonomia enquanto prática pedagógica;
- b) o currículo de comunicação - solo fértil para o desenvolvimento da monitoria quando esta é, também, um instrumento de operacionalização curricular, onde seus objetivos se inter-relacionam. Desta forma, tem-se as possibilidades de pré-formação docente, de unificação do fazer pedagógico e da formação com mais qualidade;
- c) a interação professor-aluno - base da monitoria e ação recíproca, a partir da qual se possa desenvolver a práxis ética, a cooperação, a construção e reconstrução do saber;

d) o prazer de ensinar e de aprender - razão da construção e participação. Prazer significa esforço, disciplina e autoridade, pois implica na procura de pontos de equilíbrio, de superação de inseguranças que camuflam incompetências, relações autoritárias de poder e as práticas problemáticas na sala-de-aula.

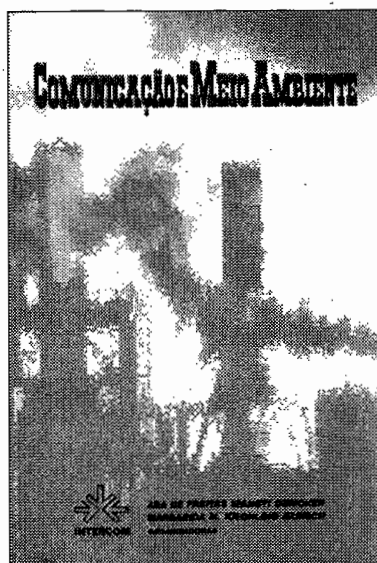
Professores e alunos, ao repensarem a proposta de monitoria, compreendendo as reais necessidades da educação formal do comunicador social, devem ter a preocupação em promover a interação professor-aluno, instituição e sociedade; em promover a interaprendizagem e a autoconstrução. Devem lembrar que o comunicador precisa aprender a viver na incerteza e na insegurança do mercado de trabalho, da academia, do mundo.

Referências bibliográficas

- ABREU, Maria Célia e MASETTO, Marcos Tarciso. *O professor universitário em aula*. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.
- BARNARD, H. C. *A history of English education: from 1760*. London: University of London Press, 1961.
- BELL, Robert et alii. *Education in Great Britain and Ireland: a source book*. London: Routledge & K. Paul/Open University Press, 1973.
- CORTÉS, Carlos Eduardo Luna. *Do ensino para a aprendizagem: uma estratégia de pesquisa/produção na graduação de comunicação social*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo, IMS, 1993.
- FORGATY, Joan L. e WANG, M. C. "An investigation of the cross-age peer tutoring process: some implications for instructional design and motivation". In *Elementary School Journal*, Chicago, nº 82, 1992, pp.451-469.
- FRESKO, B. e EISENBERG, T. "The effect of two years of tutoring on mathematics and reading achievement". In *The Journal of Experimental Education*, Washington, nº 53, Summer 1985, pp.193-201.
- GUTIERREZ, Francisco e PIETRO, Daniel. *A mediação pedagógica: educação à distância alternativa*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- HEWARD, W. L. et alii. Tutor huddle: element in a classwide peer tutoring system. In *Elementary School Journal*, Columbus, nº 83, 1982, pp.115-123.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. "Crisis en los studios de comunicación y sentido de uma reforma curricular". In *Dia-logos*, Lima, nº 19, 1988, pp. 24-28.
- MASETTO, Marcos Tarciso. *A relação professor-aluno na proposta educacional do Primeiro Ciclo da PUC/SP para as áreas de Ciências Humanas e Educação*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC/SP, 1975.
- MELO, José Marques de. *Contribuições para uma pedagogia da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1974.

- ____ et alii. (orgs.) *Ideologia e poder no ensino de comunicação*. São Paulo: Cortez e Moraes, Intercom, 1979.
- ____ (org.) *Ensino de comunicação no Brasil: impasses e desafios*. São Paulo: ECA/ USP, 1987.
- ____. *Comunicação e modernidade*. São Paulo: Loyola, 1991.
- ____. "Pedagogia da Comunicação na América Latina: reflexões sobre o gap indústria-universidade". In *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, n.º 21, jun. 1994.
- NAVARRO, Raul Fuentes. "El estudio de comunicación desde una perspectiva sociocultural en América Latina". In *Dia-logos*, Lima, n.º 32, 1992, pp.16-26.
- O'DONNEL, A. M. et alii. "The effects of monitoring on cooperative learning". In *The Journal of Experimental Education*, Washington, n.º 53, Spring 1986, pp. 169-173.
- OLIVEIRA, Luciana Saraiva de. *Monitoria na graduação de comunicação: uma análise para a formação do comunicador social*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: IMS, 1995.
- OROZCO G., Guilherme. "Comunicadores hacia el año 2000: desafios pedagógicos de su formación". In *Dia-logos*, Lima, n.º 39, jun. 1994.
- SILVA, M.C.P. da. *A paixão de formar: da psicanálise à educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Não fuja do assunto!



Comunicação e Meio Ambiente é o mais recente volume da "Coleção Intercom de Comunicação", reunindo os trabalhos apresentados no XV Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, sediado em 1992 no Instituto Metodista de Ensino Superior (São Bernardo do Campo, SP).

Referencial indispensável para a discussão do papel da comunicação em todo o processo educativo, na luta pelo desenvolvimento e pela conservação do meio ambiente, não deixe de ler e comentar *Comunicação e Meio Ambiente*. Ou você quer mesmo fugir do assunto?

Preço por exemplar: R\$ 14,00

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie acompanhado de cheque nominal para:

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, nº 443 - Bloco "A" - Sala 01 - CEP 05508-900 - São Paulo - SP